

**Ricardo Sáenz Hayes, um intelectual argentino no Brasil durante o Estado Novo:
relações internacionais, modernidade e política**

KÁTIA GERAB BAGGIO*

O ensaísta argentino Ricardo Sáenz Hayes (1888-1976) escreveu vários livros, cujos temas relacionaram-se principalmente com a filosofia, a literatura e o pensamento político. Entretanto, escreveu também um livro sobre o Brasil, a partir de uma viagem feita ao país vizinho em maio de 1941, como correspondente do diário *La Prensa*, interessado em cobrir a posição brasileira em relação à Segunda Guerra Mundial. Sáenz Hayes, como muitos intelectuais do seu tempo, mantinha, ao lado da produção ensaística, atividades na imprensa. Em agosto de 1942, o livro *El Brasil moderno* foi publicado em Buenos Aires (SÁENZ HAYES, 1942). Saliente-se que Sáenz Hayes foi autor, também, de um cuidadoso prefácio às duas edições argentinas de *Casa-grande & senzala* de Gilberto Freyre (SÁENZ HAYES, 1942a, 1943).

Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla, que visa analisar relatos e impressões de viagens entre o Brasil e demais países latino-americanos de fins do século XIX a meados do século XX. Como parte desse projeto, nosso objetivo em pesquisas mais recentes foi investigar narrativas de argentinos que vieram ao Brasil e brasileiros que viajaram para a Argentina no período, considerando-se que a Argentina foi, comparativamente, um dos países da América Latina em que o intercâmbio de pessoas e ideias com o Brasil foi (e continua sendo até hoje) mais intenso.

As narrativas de viagem podem ser fontes valiosas para a história das inter-relações intelectuais e culturais na América Latina. A maioria dos relatos de viagens entre países ibero-americanos, desde meados do século XIX, foi escrita por intelectuais, diplomatas e jornalistas. Entre os viajantes latino-americanos que narraram suas viagens, diversamente dos viajantes europeus, os cientistas e naturalistas constituíram uma minoria. Sendo assim, ao invés de “descobertas” no campo científico, a maioria deles buscava, em razão da existência de problemas similares, respostas às questões e

* Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com Doutorado (1999) e Pós-Doutorado (2010) em História pela Universidade de São Paulo (USP).

desafios apresentados pelos seus próprios países, além do incremento das relações político-diplomáticas, comerciais e culturais/intelectuais entre os países vizinhos.

Os relatos de brasileiros que escreveram sobre suas viagens à Argentina indicam essa presença marcante de “homens de letras”: autores como Arthur Dias, Oliveira Lima ou Simoens da Silva, entre outros, vinculados à atividade jornalística e à produção historiográfica, sociológica, etnográfica, ensaística etc. Ir à Argentina significava não só uma tentativa de estreitar os laços diplomáticos, culturais e comerciais com o país vizinho — principalmente no caso de autores vinculados à diplomacia —, mas também uma incursão por um país de reconhecido vigor intelectual e cultural entre fins do século XIX e as primeiras décadas do XX. Ou seja, para os brasileiros, ir à Argentina também significava fazer uma viagem de formação intelectual.

No caso dos argentinos, muitos intelectuais viajaram e escreveram relatos ou impressões de viagem, mas um número reduzido dessas viagens teve o Brasil como destino privilegiado. O Brasil, em algumas viagens, foi um destino passageiro, em rápidas paradas dos navios nos portos. Como a pesquisa demonstrou, o Brasil era, entre fins do XIX e meados do século XX, para muitos argentinos — com algumas exceções —, um destino ligado às viagens de lazer e ao contato com a “exuberante” natureza tropical. Entre os autores que vieram ao Brasil (ao menos a partir das fontes obtidas), além de Martín García Mérou — que escreveu um denso trabalho sobre a produção intelectual brasileira, *El Brasil intelectual*, publicado em 1900 —, apenas o livro de Ricardo Sáenz Hayes, *El Brasil moderno*, tem fôlego e preocupação evidente em compreender, em linhas gerais, a vida econômica, política, social e intelectual do Brasil.¹

Este trabalho está inserido, também, nos estudos de história intelectual. Nesse sentido, as reflexões de Jean-François Sirinelli e Carlos Altamirano, entre outros, são referências importantes para esta pesquisa (SIRINELLI, 1996; ALTAMIRANO, 2005, 2006).

¹ Muitos argentinos viajaram e escreveram sobre suas viagens. Em antologia organizada por Noé Jitrik, *Los viajeros*, publicada em 1969, ainda que haja referências a viagens para outros destinos, como Oriente Médio e União Soviética, os textos compilados abordam viagens a países europeus, com clara predominância da França e, mais particularmente, de Paris. Recentemente, a editora Fondo de Cultura Económica da Argentina começou a publicar a *Serie Viajeros*, na Coleção *Tierra Firme*. Os três volumes publicados são, respectivamente, antologias de narrativas de viagens de argentinos à Europa e Estados Unidos; à URSS, China e Cuba; e ao Oriente (SAÍTTA, 2007; MALOSETTI COSTA, 2008; CRISTOFF, 2009). Foi publicada, também, uma obra sobre argentinos no Brasil, mas em período bem anterior e contexto muito diverso ao desta pesquisa, a primeira metade do século XIX (AMANTE, 2010).

Preocupa-nos analisar a constituição de redes de sociabilidade intelectual entre brasileiros e argentinos, de fins do século XIX a meados do XX, período em que houve várias iniciativas para incrementar as relações diplomáticas e intelectuais entre o Brasil e os países hispano-americanos. Buscou-se, na medida do possível, reconstituir e analisar essas relações, a partir das viagens e de espaços como as universidades, a imprensa, as publicações, instituições culturais e a diplomacia, sendo que esta última atividade foi fundamental na constituição dessa sociabilidade. E não se pode ignorar que, nessas redes, como afirma Sirinelli, podem ser encontradas “a atração e a amizade e, ao contrário, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor [...]” (SIRINELLI, 1996: 250).

Por fim, enfatizamos, novamente, a relevância do uso dos relatos de viagem como fontes históricas, mas sempre tendo o cuidado de inserir essas narrativas em seu contexto de produção, ou seja, procurando levar em consideração os objetivos explícitos e implícitos dos relatos: para quem se escreve, com que interesses e em que condições. São fontes muito ricas para analisar a construção de representações sobre diferentes países e regiões, assim como, em contraste, sobre as próprias realidades nacionais. Muitos relatos revelam, em grande medida, o que podemos denominar de “imaginário coletivo” ou, ao menos, o que se pretende construir como um “imaginário coletivo” (BACZKO, 1985). E, como já ressaltamos, são fontes muito úteis para recuperar e analisar os intercâmbios e a constituição de redes intelectuais.

No prefácio a *El Brasil moderno*, Sáenz Hayes defendeu que os vizinhos americanos precisavam se conhecer melhor e que “a única maneira de conhecer os vizinhos é ir até eles”. Admitiu que tinha uma visão superficial e prematura do Brasil, formada por leituras e juízos de viajantes, ou seja, por impressões alheias. Afirmou, ainda, que já havia passado “mais de trinta vezes” pelos portos brasileiros (Santos, Rio de Janeiro, Salvador, Recife), mas sempre brevemente, nas escalas dos navios rumo à Europa. Dessa vez, veio ao Brasil, quando contava pouco mais de 50 anos, com a pretensão de efetivamente “conhecer” o país (SÁENZ HAYES, 1942: 7-14). O livro não é, no seu conjunto, propriamente um relato de viagem, mas um misto de narrativa de viagem com ensaios sobre a história, a política, a economia e a sociedade brasileira.

Sobre os viajantes internacionais, Sáenz Hayes afirmou existirem dois tipos: os que liam uma “biblioteca inteira” antes de iniciar a viagem e os que jamais reparavam

em uma linha impressa sequer. Sobre o Brasil, ressaltou que muitos livros, principalmente sobre o Rio de Janeiro, eram “amenos e ligeiros” e não ajudavam a rever as ideias preconcebidas sobre o país, muitas vezes ao contrário.

O ensaísta argentino salientou o otimismo do brasileiro e sua confiança no futuro, em um país com abundantes riquezas naturais e imenso território. Buscou, a partir da leitura de sociólogos, historiadores e ensaístas brasileiros, relacionar a história do país com os problemas da época e as características nacionais. Para tanto, citou inúmeros autores brasileiros, como Euclides da Cunha, Joaquim Nabuco, Couto de Magalhães, Silvio Romero, Oliveira Lima, José Veríssimo, Rui Barbosa, João Ribeiro, Pedro Calmon, Nina Rodrigues, Nelson de Senna, Oliveira Vianna, Ronald de Carvalho, Capistrano de Abreu, Gilberto Freyre, Roquette Pinto, Pandiá Calógeras, Afonso Arinos de Melo Franco, Paulo Prado, José Jobim, Waldemar Ferreira, Armando de Salles Oliveira, Graça Aranha, Álvaro Lins, José Maria Bello, Roberto C. Simonsen, Heitor Lyra, entre outros menos conhecidos. Além dos já citados, fez referências ao livro *Brasil, país do futuro*, do austríaco, recém chegado ao país, Stefan Zweig; citou, também, três compatriotas que haviam se interessado pela história e cultura brasileiras: Martín García Mérou, Ramón Cárcano e Ricardo Levene. E, em plena ditadura do Estado Novo, não deixou de citar *A nova política do Brasil*, do presidente Getúlio Vargas. Esta longa lista, apesar de exaustiva, demonstra muito claramente que Sáenz Hayes efetivamente fez um grande esforço intelectual para conhecer melhor o Brasil, como pretendia. Leu e citou diversos autores, com concepções teóricas e políticas distintas, mas fez questão de reiterar, em diversas passagens do livro, suas convicções liberal-democráticas.

O autor procurou salientar a busca pela autonomia, desde os tempos da colônia, nas revoltas contra Portugal e na resistência contra invasores. E, a partir da independência, as vitórias da “oposição liberal”: a abdicação de Pedro I, o “império liberal” de Pedro II, a abolição da escravatura e o “moderno intento de reabilitar a raça africana”. E, por fim, a república. Nessa passagem, fez uma crítica evidente ao Estado Novo: ao retrocesso que significava a suspensão das garantias constitucionais (SÁENZ HAYES, 1942: 29-32).

Admitiu que não era possível deixar de fazer comparações. Mas, no que se referia ao Rio de Janeiro, afirmou que não se parecia a nenhuma outra cidade do mundo.

A “memória visual” do Rio sempre se relacionava com a natureza. Ao citar a derrubada do Morro do Castelo, defendeu a seguinte ideia: “quem se atreve a derrubar montanhas, a desviar correntes fluviais ou a ganhar terra ao mar, acredita por demais em atitudes superiores para reformar-se a si mesmo em uma medida jamais suspeitada por quantos lhe negaram forças morais diretoras” (SÁENZ HAYES, 1942: 35). É um elogio e tanto!

Se, por um lado, criticou o excesso de edifícios altos, que escondiam os morros, considerou que a modernização, com a higienização da cidade, tinha sido fundamental para assegurar o seu desenvolvimento. Discordou das teorias racialistas e deterministas, citando *Casa-grande & senzala* como uma obra fundamental para se compreender o Brasil (SÁENZ HAYES, 1942: 33-42).

No capítulo denominado “A democracia brasileira”, fez, novamente, críticas ao Estado Novo, pela censura, a falta de liberdades políticas e de eleições livres. Entretanto, salientou ter testemunhado reuniões em que as pessoas falavam abertamente contra ou a favor do governo. Chegou a afirmar que a ditadura varguista era uma espécie de *dictablanda*, que subjuguava sem asfixiar. Segundo Sáenz Hayes, o “velho liberalismo” não estava em contradição com “o temperamento da nação e a história do Brasil” e os princípios liberais e garantias individuais iriam, em algum momento, voltar a vigorar no Brasil (SÁENZ HAYES, 1942: 43-52).

Dedicou dois capítulos a São Paulo, que muitos paulistas consideravam “o verdadeiro Brasil moderno”, feito pelo homem, a partir do nada. Sintetizou a história paulista, a partir da historiografia da época, e afirmou que, na atualidade, São Paulo havia abraçado o “moderno evangelho utilitário”, como diria o uruguaio Rodó. Ressaltou o papel da imigração e da industrialização no processo de modernização do estado, e, apesar do “otimismo” dos paulistas, relacionava o futuro progresso não só às energias do próprio estado, mas a “causas exteriores”, relacionadas ao futuro mundial no pós-guerra (SÁENZ HAYES, 1942: 53-71). O Brasil havia deixado de ser um país exclusivamente agrário. Sem descuidar da produção agrícola, o país tornava-se, cada vez mais, industrial, com presença de jazidas minerais. O autor procurou sintetizar a história econômica do Brasil, sem se esquecer do pioneirismo do visconde de Mauá. E, ao tratar do presente, não deixou de mencionar as negociações com os Estados Unidos para a concessão de vultoso empréstimo que seria investido na construção da futura Companhia Siderúrgica Nacional, além de investimentos na melhoria da infraestrutura,

principalmente de transportes. E citou Osvaldo Aranha, então ministro das Relações Exteriores, endossando-o: “Há chegada a hora de assegurar que somos um povo que tomou as rédeas de seu destino, que somos uma grande nação que resolveu ser maior de idade...” (SÁENZ HAYES, 1942: 73-91).

Apesar de reconhecer o desenvolvimento econômico, o ensaísta argentino ressaltou, também, os problemas sociais do país visitado. Ainda que afirmasse que o Brasil já não poderia ser incluído entre os países que não possuíam “as mais primordiais leis de proteção ao trabalho”, tampouco deixou de salientar a longa história de exploração do trabalho no país, tanto no campo como nas cidades. E o atraso do Brasil, em relação à maioria dos países do continente, para iniciar a implementação de uma legislação trabalhista. Citou a permanência da miséria nos cortiços e porões na rica cidade de São Paulo como um exemplo claro da desigualdade social na vida brasileira. E concluiu, comparando com seu próprio país: “bem sei que o esplendor e orgulho de Buenos Aires também dissimula a dor e o desamparo de não poucas regiões argentinas...” (SÁENZ HAYES, 1942: 93-102).

Estando em Petrópolis, o viajante sentiu a tranquilidade necessária para ler as constituições brasileiras e livros sobre política e direito constitucional. Comentou a história política e institucional brasileira, as quatro constituições, explicitando críticas agudas à última, de 1937, que havia suprimido a liberdade de expressão e imposto a censura. Como acontecera com Oliveira Lima — que foi recebido por Hipólito Yrigoyen em sua longa estada na Argentina no final dos anos 1910 —, Sáenz Hayes foi recebido pelo presidente. Reuniu-se com Vargas no Palácio do Catete, ocasião em que perguntou quando seria realizado o plebiscito constitucional, ao que o presidente teria respondido: “oportunamente”.

Reconheceu que a República havia, enfim, resgatado o imperador Pedro II. Ao general Mitre, que veio ao Brasil em 1872 para tratar dos últimos acertos relativos à finda Guerra do Paraguai, o regime brasileiro teria se apresentado como uma espécie de “democracia coroada”. Sáenz Hayes, ao tratar do Império, recuperou o debate político-intelectual em torno da abolição da escravatura e as discussões sobre o lugar de negros, índios e mestiços na sociedade brasileira, demonstrando grande familiaridade com os principais autores e argumentos utilizados nos debates (SÁENZ HAYES, 1942: 103-123).

O autor argentino tratou, também, das relações entre Argentina e Brasil. Reconheceu as divergências do passado, mas ressaltou o empenho de aproximação desde fins do Império e inícios da República. Nesse sentido, citou García Mérou, que em seu livro de 1900 defendeu os vínculos estreitos entre os dois vizinhos (GARCÍA MÉROU, 1900). No mesmo sentido, lembrou de Rui Barbosa, que em 1916, no Senado argentino, pregou o aumento do intercâmbio cultural e o fim dos preconceitos mútuos. Ao jurista e político baiano, dedicou todo um capítulo, em que destacou sua defesa de relações internacionais pacíficas. Valorizou, também, a iniciativa do historiador argentino Ricardo Levene, com a publicação da Biblioteca de Autores Brasileiros traduzidos ao espanhol (SÁENZ HAYES, 1942: 125-146).

Ao presidente Vargas, dedicou dois capítulos do livro. Diferentemente da Alemanha de Hitler ou da Itália de Mussolini, sustentou que não se sentia, no Brasil, o clima opressivo. A vida cotidiana pareceria, ao viajante desavisado, a de um país em que as liberdades estivessem asseguradas. Contudo, a observação atenta mostraria que havia censura à imprensa, uma Constituição imposta e concentração do poder no Executivo. Sáenz Hayes lançou mão de alguns depoimentos sobre o regime varguista e a figura do presidente brasileiro: de um jornalista e dois juristas, sendo um deles um ex-parlamentar. Nesses diálogos, transparecem como objetivos do autor a compreensão sobre as razões da manutenção de Vargas no poder e a natureza do regime que liderava. A primeira vez que Sáenz Hayes encontrou-se com Vargas, segundo o próprio autor, foi em um almoço oferecido pelo prefeito do Rio de Janeiro, ocasião em que pôde conversar com o presidente durante uma hora, já que o ministro Osvaldo Aranha o tinha convidado para sentar-se ao lado de Vargas. Sáenz Hayes considerou o presidente uma pessoa afável e cordial, que sabia ouvir o interlocutor. Concluiu que a formação política de Vargas era democrática, republicana e defensora do Direito. Mas, após sintetizar a crise política que tinha levado à Revolução de 1930, chegou à conclusão que Vargas, após tantas lutas, não havia reconhecido em nenhuma outra pessoa qualidades suficientes para sucedê-lo. E, assim, com o golpe de 1937, manteve-se no poder, sem liberdade de imprensa, com o Congresso fechado, o fim do sufrágio universal, a dissolução dos partidos e uma nova Constituição, outorgada. O golpe seria, para o autor, fruto de um crescente descrédito de Vargas em relação à capacidade do Parlamento para resolver problemas em situações de crise. E de uma crença na necessidade de se manter

no poder como única forma de superar a crise. Mas Sáenz Hayes terminou o capítulo apostando, mais uma vez, na volta da democracia no Brasil (SÁENZ HAYES, 1942: 147-169). Em relação às críticas do autor ao regime estado-novista brasileiro, não se pode ignorar que ele estava pensando, também, na Argentina e escrevendo para leitores de seu próprio país. A Argentina vivenciava, desde o golpe militar de setembro de 1930, a ascensão política de setores conservadores, assim como de grupos anti-liberais e simpatizantes de concepções nazi-fascistas (ver, entre outros, HALPERIN DONGHI, 2004).

No último capítulo de *El Brasil moderno*, o autor reproduziu o longo prefácio a *Casa-grande & senzala*, recém escrito para a edição argentina do livro de Freyre, de 1942 (e que consta, também, da edição argentina do ano seguinte) (SÁENZ HAYES, 1942a, 1943). Em seu prefácio, Sáenz Hayes situou a obra no pensamento brasileiro, destacando seu “alcance sociológico e antropológico”, particularmente no que se refere ao reconhecimento e valorização da mestiçagem, e percebeu, com perspicácia, que, na interpretação de Freyre, ressaltava a “sobrevivência do velho regime no novo, uma notória reminiscência de Tocqueville” (SÁENZ HAYES, 1942: 171-207). Freyre, por sua vez, também escreveu um texto sobre o livro de Sáenz Hayes, publicado originalmente no *Jornal do Commercio*, do Recife, em maio de 1943 (FREYRE, 2003: 107-113). Em seu texto, o autor brasileiro destacou a percepção do argentino de que o Brasil vinha se modernizando, principalmente as suas cidades mais importantes, Rio de Janeiro e São Paulo, e afirmou que Sáenz Hayes havia nos dado “o livro mais consciencioso e mais inteligente sobre o Brasil moderno aparecido nestes últimos anos”. Freyre não deixou, entretanto, de aproveitar a oportunidade para reafirmar suas próprias interpretações sobre a formação sociocultural brasileira, caracterizada, segundo ele, pelo “sentido democrático da miscigenação, da mistura de raças, de confraternização de culturas”, a “grande tradição social brasileira” (FREYRE, 2003: 112-113).

El Brasil moderno foi o resultado de um mergulho do argentino Ricardo Sáenz Hayes nos temas brasileiros, principalmente aqueles mais relevantes para o país, em pleno período de Guerra Mundial: o desenvolvimento econômico, a agricultura e a industrialização, os problemas sociais, a questão racial, a ordem jurídica, o regime ditatorial do Estado Novo, a política externa (incluindo, nesse tema, as relações entre Argentina e Brasil e, por outro lado, entre Brasil e Estados Unidos), entre outros. A

partir de um esforço significativo para conhecer o debate político e intelectual brasileiro, através de inúmeras leituras; de contatos com figuras relevantes da cena política, diplomática e intelectual; de conversas com as principais lideranças políticas do país, como o ministro Osvaldo Aranha e o próprio presidente Vargas, Sáenz Hayes escreveu um livro híbrido, mais ensaístico e jornalístico do que propriamente uma narrativa de viagem — ainda que, em parte do livro, o autor tenha narrado e descrito a viagem e as suas impressões sobre o país. Tal qual os livros do argentino García Mérou (1900) e do brasileiro Oliveira Lima (1920), a publicação de *El Brasil moderno* ocupa um lugar importante entre as iniciativas de aproximação diplomática, cultural e intelectual entre Argentina e Brasil a partir da instauração da República brasileira. No caso do livro de Sáenz Hayes, escrito em um contexto de desilusão com a Europa como o lugar identificado, por excelência, com a civilização (como, aliás, também havia acontecido por ocasião da viagem de Oliveira Lima à Argentina, ocorrida em fins da Primeira Guerra Mundial). E, por outro lado, redigido em um momento de perspectivas novas para a economia brasileira. O “moderno”, no início dos anos 40, tinha que ser buscado na própria América. A escolha do título, assim como das temáticas abordadas no livro, não foi, evidentemente, fortuita.

Em relação aos esforços pela aproximação entre os países vizinhos, Gustavo Sorá, em seu livro *Traducir el Brasil*, questionou o que ele denominou de “fórmula Mérou”, ou seja, a crença disseminada de que os países limítrofes da América do Sul não se conhecem. Ideia ainda mais frequente se relacionada ao (des)conhecimento mútuo entre o Brasil e os países hispano-americanos. Sorá, em seu trabalho, fez um levantamento cuidadoso das várias iniciativas de publicação de autores brasileiros na Argentina, e vice-versa, de autores argentinos no Brasil, ao longo do século XX, e demonstrou que foi construído um significativo acervo, tanto de autores brasileiros traduzidos ao espanhol como de hispano-americanos traduzidos ao português (SORÁ: 2003).

Sem negar as dificuldades históricas da circulação de ideias entre o Brasil e a Argentina — e, num sentido mais amplo, entre o Brasil e os demais países hispano-americanos —, vários exemplos e iniciativas demonstram que, a despeito do propalado desconhecimento, houve iniciativas e projetos efetivos que promoveram o intercâmbio entre os dois países e o conhecimento mútuo, principalmente a partir do início do século

XX, como, por exemplo, a viagem de Ricardo Sáenz Hayes ao Brasil e a publicação de seu livro *El Brasil moderno* na Argentina.

Referências Bibliográficas

- ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales: notas de investigación*. Bogotá: Norma, 2006.
- ALTAMIRANO, Carlos. *Para un programa de historia intelectual y otros ensayos*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.
- AMANTE, Adriana. *Poéticas y políticas del destierro: argentinos en Brasil en la época de Rosas*. Buenos Aires: FCE, 2010.
- BACZKO, Bronislaw. Imagem social. In *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, vol. 5, p. 296-332.
- CRISTOFF, María Sonia (selección y prólogo). *Pasaje a Oriente: narrativa de viajes de escritores argentinos*. Buenos Aires: FCE, 2009.
- FREYRE, Gilberto. Um argentino escreve sobre o Brasil. *Americanidade e latinidade da América Latina e outros textos afins*. Brasília: Ed. UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003, p. 107-113.
- GARCÍA MÉROU, Martín. *El Brasil intelectual: impresiones y notas literarias*. Buenos Aires: Félix Lajouane Editor, 1900.
- HALPERIN DONGHI, Tulio. *La República imposible (1930-1945)*. Buenos Aires: Ariel, 2004.
- JITRIK, Noé (selección). *Los viajeros*. Buenos Aires: Editorial Jorge Alvarez, 1969 (Colección Los Argentinos, 10).
- MALOSETTI COSTA, Laura (selección y prólogo). *Artistas argentinos en Europa y Estados Unidos (1880-1910)*. Buenos Aires: FCE, 2008.
- OLIVEIRA LIMA, Manoel de. *Na Argentina (impressões 1918-19)*. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1920.
- SÁENZ HAYES, Ricardo. *El Brasil moderno*. Buenos Aires: Editorial del Instituto Americano de Investigaciones Sociales y Económicas, 1942, 227 p.
- SÁENZ HAYES, Ricardo. Gilberto Freyre y la formación social brasileña. In: FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande y Senzala: formación de la familia brasileña bajo el régimen de la economía patriarcal*. Buenos Aires: Biblioteca de Autores Brasileños, 1942a, 2 tomos.
- SÁENZ HAYES, Ricardo. Gilberto Freyre y la formación social brasileña. In: FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande y Senzala*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1943, 2 vols. (Colección Grandes Ensayistas).
- SAÍTTA, Sylvia (selección y prólogo). *Hacia la revolución: viajeros argentinos de izquierda*. Buenos Aires: FCE, 2007.
- SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 231-269.
- SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil: una antropología de la circulación internacional de ideas*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.